

---

## **Modernização da agricultura, incerteza da segurança e migração da população rural no município de Frutal (MG)**

### **Modernization of agriculture, uncertainty of security and migration of the rural population in the municipality of Frutal (MG), Brazil**

**Andreza Gomes de Souza**

Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Niterói, RJ, Brasil  
[andrezgeo@yahoo.com.br](mailto:andrezgeo@yahoo.com.br)

#### **Resumo**

Ao longo das últimas décadas ocorreram transformações no universo da agricultura e da pecuária que ocasionaram o êxodo rural no Brasil. Neste artigo, objetivamos revelar alguns processos transformadores que repercutiram sobre a dinâmica da população rural no município de Frutal (MG). Para tanto, realizamos a revisão teórica em livros e pesquisas acadêmicas; entrevistas com representantes de instituições municipais e em três comunidades rurais frutalenses: o distrito de Aparecida de Minas, o povoado Boa Esperança e a Vila Barroso. Além disso, efetuamos o levantamento de dados censitários no IBGE e a sua representação. Constatamos que a imbricação de processos como a modernização da agricultura, as mudanças comportamentais, o envelhecimento populacional e a queda nas taxas de fecundidade resultaram no esvaziamento do campo em Frutal. Secundariamente, alia-se a isto a insegurança, pois o aumento de roubos nas propriedades rurais também pode influenciar na decisão de algumas famílias sobre a sua permanência no campo ou migração para as cidades, na contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Modernização. Migração. População rural. Envelhecimento. Frutal.

#### **Abstract**

Over the last few decades, there have been changes in the universe of agriculture and livestock that caused the rural exodus in Brazil. In this article, we aim to reveal some transformative processes that impacted the dynamics of the rural population in the municipality of Frutal (MG), Brazil. To this end, we carried out a theoretical review on books, academic researches, interviews with representatives of municipal institutions and in three rural communities in Frutal: the district of Aparecida de Minas, the village of Boa Esperança and Vila Barroso. In addition, we carried out the collection of census data at the IBGE and its representation. We found that the intertwining of processes such as the modernization of agriculture, behavioral changes, population aging and the drop in fertility rates resulted in the emptying of the countryside in Frutal. Secondly, this is combined with unsafety, as the increase in thefts on rural properties can also influence the decision of some families about staying in the countryside or migrating to cities, in contemporary times.

**Keywords:** Modernization. Migration. Rural population. Aging. Frutal.

## Introdução

Agricultor, lavrador, parceiro, meeiro, vaqueiro e agregado são denominações cada vez menos presentes quando buscamos a realidade da população rural. Expressar o panorama do campo é trazer para a escrita a transformação de histórias de vida que apresentam como traço comum o afeto pela terra e o reconhecimento do efeito dos condicionantes do êxodo rural. A presença destas famílias integrando grande parcela da população do campo assegura o abastecimento de alimentos básicos aos supermercados, às escolas, aos hospitais e às instituições etc. Daí ressaí a importância da manutenção da diversidade produtiva, de culturas e de saberes que se concretizam a partir da permanência dos sujeitos - dos agricultores familiares camponeses, quilombolas e povos originários etc - em seus territórios. Em tempos de pandemia, as recomendações se direcionam para a diversificação e enriquecimento alimentar da população brasileira, o que indica a imprescindibilidade do cultivo de alimentos saudáveis. As circunstâncias mundiais impelem todos para uma revisão de valores e ao exercício reflexivo sobre a importância de cada grupo social, profissional e seus papéis para o bom funcionamento da sociedade a fim de superar as emergências atuais.

Desde o início da modernização da agricultura, da pecuária e da reestruturação produtiva, desencadeou-se o êxodo rural, ao mesmo tempo em que se consolidou um modelo de agricultura no Brasil direcionado à sua inserção no mercado interno e externo. Entretanto, na contemporaneidade, imbricam-se alguns processos causadores das transformações no campo. Para além disso, a coexistência e agravamento de problemáticas multidimensionais abarcando o campo e a cidade tratam de uma especificidade do momento presente. E mais, se o campo foi caracterizado a partir da conotação de tranquilidade, recentemente tornou-se perceptível o transbordamento dos problemas da insegurança pública cidadina envolvendo áreas rurais.

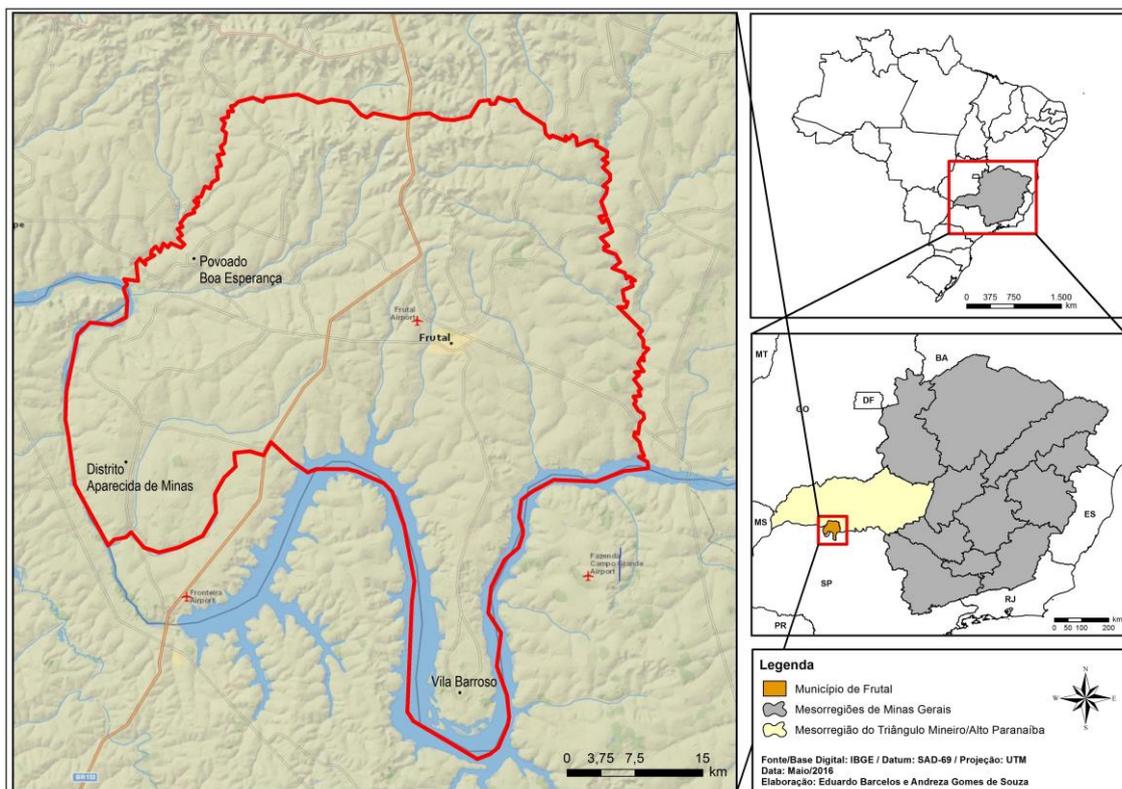
A partir deste contexto, o objetivo deste artigo é revelar alguns dos processos transformadores do campo que repercutiram sobre a dinâmica da população rural, tendo como recorte empírico o município de Frutal (MG). Vale ressaltar que as mudanças desencadeadas e as análises podem se estender à mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, notadamente nos últimos quinze anos. Em continuidade aos estudos desenvolvidos, a escolha por Frutal como recorte empírico se justifica pela combinação de fatores condicionantes e especificidades favoráveis que viabilizaram a

apropriação dos espaços por uma racionalidade hegemônica que traz em seu bojo os processos acima mencionados.

### Procedimentos metodológicos

O município de Frutal está localizado na mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba (MG), como demonstra o Mapa 1:

**Mapa 1:** Frutal - Localização do município na mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba (MG)



**Fonte:** Elaborado pela autora e Eduardo Barcelos, pela base digital IBGE, Datum: SAD-69, 2016.

Frutal caracteriza-se pela topografia composta por relevo plano, com suaves ondulações próximas a vales, que integram o domínio morfoclimático<sup>1</sup> do Cerrado, clima predominantemente tropical.

<sup>1</sup> Conceito utilizado por Aziz Ab'Saber (2003), que se refere a um conjunto espacial de amplitude territorial, na qual haja “um esquema coerente” de tipos de solos, feições de relevo, condições climático hidrológicas e formas de vegetação.

Para este artigo, selecionamos informações coletadas por meio de entrevistas, realizadas entre os meses de janeiro a setembro do ano de 2017, com funcionários das três escolas situadas em cada comunidade rural destacadas no Mapa 1, bem como, com representantes do poder público e da segurança municipal, organizados no Quadro 1:

**Quadro 1:** Frutal -Entrevistados e sua localização (2017)

| <b>MUNICÍPIO DE FRUTAL</b>  |               |   |               |
|-----------------------------|---------------|---|---------------|
| <b>CAMPO</b>                |               | <b>CIDADE</b>                           |               |
| Local                       | Entrevistados | Local                                   | Entrevistados |
| Vila Barroso                | 3             | Secretaria Municipal do Meio Ambiente   | 1             |
| Distrito Aparecida de Minas | 5             | Secretaria Municipal da Agricultura     | 1             |
| Povoado Boa Esperança       | 5             | 4ª Cia. Independente da Polícia Militar | 2             |

**Fonte:** Pesquisa de campo, 2017.

**Org.:** SOUZA, A.G., 2022.

A revisão bibliográfica acerca do desenvolvimento da agricultura brasileira, incentivado por políticas específicas fundamentou a organização de entrevistas, além de nortear as reflexões realizadas. Consultamos revistas, livros, anais de eventos científicos e pesquisas acadêmicas. Além disso, efetivamos um levantamento de dados populacionais nos censos demográficos do IBGE e no site da prefeitura municipal de Frutal. Para o mapeamento da área de estudo foram utilizadas algumas ferramentas do software ArcGis 10.4.1. a partir da base de dados digitais do IBGE.

### **Modernização da agricultura e a incorporação das áreas do Cerrado mineiro**

A partir dos anos de 1930 até 1960, o crescimento da agricultura brasileira pode ser caracterizado “como uma expansão horizontal”, visto que ocorreu por meio da abertura da fronteira interna, da intensificação produtiva nos latifúndios e pela refragmentação de propriedades. No Brasil, esta racionalidade foi incorporada suscitando o planejamento por parte do Estado, pautado no estabelecimento de um sistema de crédito específico e na criação de políticas estratégicas (SORJ, 1998).

Sobre isso, Gonçalves Neto (1995) analisou a inserção da agricultura nos planos de governo brasileiro, para impulsionar o desenvolvimento econômico e a sua modernização. Enumeram-se entre estes: o Plano Trienal de Desenvolvimento

Econômico e Social (1963-1965); o Programa de Ação Econômica do Governo (1964-1966); o Programa Estratégico de Desenvolvimento (1968-1970); Metas e Bases para a Ação de Governo (1970-1973); o I Plano Nacional de Desenvolvimento (1972-1974) e o II Plano Nacional de Desenvolvimento (1975-1979).

A expansão da modernização da agricultura no Brasil teve ainda como marco a criação do Sistema Nacional de Crédito Rural. Instituído no ano de 1965, o SNCR almejou a maior produtividade na agricultura, o barateamento no preço dos alimentos e um aumento das exportações. Além disso colaborou para a concretização das funções atribuídas à agricultura, tais como: a liberação da força de trabalho do meio rural para o meio urbano, a garantia de oferta de alimentos e matérias-primas para as agroindústrias e indústrias e a submissão dos agricultores aos complexos agroindustriais.

Durante a década de 1970, as ações governamentais estiveram pautadas na implantação de programas de incorporações de terras do Cerrado, tais como o Programa de Assentamento Dirigido do Alto Paranaíba (PADAP -1972) e o Plano Nacional de Desenvolvimento (PNDs I e II); o Programa de Cooperação Nipo-Brasileiro para o Desenvolvimento dos Cerrados (PRODECER - 1974), o Programa de Crédito Integrado e Incorporações dos Cerrados (PCI -1972) e o Programa de Desenvolvimento dos Cerrados (POLOCENTRO -1975).

A inserção do progresso técnico nas áreas de Cerrado significou a maior intervenção dos processos mecânicos, a utilização de insumos e a redefinição de relações com o capital comercial tradicional. Nos últimos quarenta anos, estas áreas foram transformadas em lócus para os investimentos dos agronegócios, e, em decorrência disto, reduziram-se extensões do bioma para o cultivo de lavouras. É nesse contexto espaço-temporal de ajustamento do Cerrado a uma racionalidade empresarial que se encaminhou a integração do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba aos principais centros econômicos do país, já que a mesorregião em tela, até aquele momento, definia-se como área potencial para a criação de gado de corte e culturas de grãos.

Além da valorização fundiária nas áreas de expansão da fronteira, o desenvolvimento agrícola dinamizou a chegada das agroindústrias no estado de Minas Gerais, especialmente na mesorregião, permitindo uma adequação regional a novos cultivos para os solos, viabilizando investimentos infraestruturais na construção de silos, armazéns, estradas e energia etc (CLEPS JUNIOR, 1998, p.172).

Para Porto-Gonçalves (2006, p.251) até nos anos 1960, as regiões de Cerrado e da Amazônia se conservaram marginalizadas pelo “mercado de terras”. A partir do estabelecimento das condições e infraestrutura de acesso, a dinâmica expansionista comportou “a apropriação privada de terras até então apropriadas de modo comunitário, coletivo ou com outras modalidades de uso comum dos recursos naturais”.

A introdução das inovações proporcionou à região do Cerrado mineiro a possibilidade da diversificação de atividades e a adoção de novas culturas de alimentos. Aliou-se a essa tendência, a mediação de políticas de industrialização no estado. Como destacou Cleps Júnior (1998), foram instaladas na mesorregião empresas dos setores,

[...] de laticínios, suco-alcooleiro, frigoríficos, óleos vegetais, rações, avicultura, sementes, fumo, frutas, entre outras. Modifica-se, portanto, tanto o perfil como a posição do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, cujas regiões, com os incentivos fiscais recebidos, passam a ocupar o segundo lugar entre as do estado de Minas Gerais, chegando a representar perto de 40% do total dos recursos para os projetos apoiados pelo INDI até o início da década de 80 (CLEPS JUNIOR, 1998, p. 176).

A racionalidade deste modelo de agricultura gerou transformações nas relações socioprodutivas, no final da década de 1980. Municípios como Frutal, São Gotardo, Paracatu e Coromandel mantinham suas economias intensamente vinculadas ao meio rural (PESSÔA, 1988). Por outro lado, esta circunstância promoveu o aprofundamento da diferenciação “histórica entre a agricultura de exportação, para a qual não faltaram crédito, assistência técnica, facilidade de transporte, espaço para armazenamento e incentivos diversos e a agricultura de consumo interno, que tem enfrentado sérias dificuldades para se manter” (PESSÔA, 1988, p.47).

As transformações decorrentes da implantação destes investimentos sobre o tempo de trabalho aconteceram especialmente a partir das décadas de 1970/1980, com a intensificação dos cultivos da soja, milho, do café e da cana-de-açúcar, que passaram a demandar o uso da mão-de-obra em alguns momentos de seu ciclo produtivo. A partir daí, tornaram-se mais flexíveis as formas de contratação de trabalho no meio rural.

Gomes (2004) ressalta a redução de formas tradicionais produtivas, ao mencionar o arrendamento muito utilizado pelos agricultores que convertiam áreas de Cerrado em pastagens. A parceria, atividade com grande importância no momento da ocupação econômica desta mesorregião, viabilizou o trabalho com o gado e o plantio de

cereais, mas que se tornaram dispensáveis em muitas localidades, em razão da capitalização da agricultura.

Porto-Gonçalves (2006) chama a atenção para o atual padrão “agrário-agrícola”, que evidencia aspectos da modernidade, especialmente sobre a aptidão produtiva, mas atualiza “o que há de mais antigo” em relação ao padrão de poder. Isso porque estabeleceu com solidez, uma congregação entre latifundiários, as cadeias comerciais vinculadas aos supermercados, as maiores “indústrias-laboratórios” de insumos e as maiores corporações mundiais financeiras. Em razão da maior demanda por terras, ampliada nas últimas quatro décadas, houve uma redução dos preços de produtos agrícolas,

[...] não só devido à expansão do latifúndio *capital intensive* mas, também, em grande parte, pela anulação da renda diferencial por localização derivada da expansão da rede de transporte de toda a sua logística (silos, armazém, portos, sistemas de gestão *just in time*). [...] a diminuição nos custos de deslocamento tornou possível, em grande parte, a queda dos preços dos produtos agrícolas (PORTO-GONÇALVES, 2006, p.248).

Em síntese, a maioria dos pequenos proprietários, arrendatários, parceiros, meeiros, cujas condições de acesso à terra foram limitadas, não se beneficiaram do crédito oficial SNCR, tendo maiores dificuldades para alterar sua base técnica produtiva, o que dificultou a sua permanência no campo. Por força destas circunstâncias, muitas famílias se submeteram ao trabalho assalariado no campo, passaram a exercer atividades autônomas ou se destinaram para o meio urbano materializando o êxodo rural, como veremos posteriormente nas tabelas 1 e 2.

Ao analisarmos o processo de reestruturação produtiva no conjunto de transformações impostas ao universo da agricultura, consideramos a constante atualização sistêmica que busca saídas para as crises capitalistas. Em relação ao envolvimento das práticas socioeconômicas no campo, podemos inferir que,

A partir da década de 1980, a reestruturação produtiva da agropecuária intensificou-se, mas privilegiou áreas, produtos e segmentos sociais. Isto acarretou profundos impactos sociais, territoriais e ambientais que culminaram na elevação da histórica concentração da propriedade da terra; num processo de oligopolização do setor agropecuário; em transformações das relações sociais de produção; na fragmentação do espaço agrícola e no incremento da urbanização (ELIAS, 2006, p.12).

A decorrência da reestruturação produtiva no campo gestou um modelo de agricultura e pecuária em que coexistem diferentes níveis socioeconômicos. Depreende-se daí que, existem famílias agricultoras trabalhando para garantirem sua sobrevivência

e necessidades básicas; há trabalhadores rurais lutando pelo acesso à terra; existem aqueles que aos poucos conseguem melhorar suas condições de vida, até alguns que detêm poder monetário e maiores facilidades para acessarem financiamento. Há uma enorme gradação de situações e níveis em relação à acessibilidade de políticas públicas, à inserção aos mercados e canais de comercialização de produtos agropecuários. Simultaneamente, estruturou-se um modelo de agricultura moderna e globalizada voltada para o atendimento das demandas mercadológicas em escalas mais amplas.

Ao observar tal tendência para o período entre os anos 2000 a 2010, Delgado (2012) analisa que algumas cadeias agroindustriais se expandiram “à frente do conjunto da economia” brasileira. Nota-se que nas informações listadas pelo autor, a partir do *ranking* realizado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) sobre o agronegócio, houve uma centralização de “determinados segmentos do comércio externo ligados a produtos alimentares e rações para animais (carnes, açúcar e soja)” (DELGADO, 2012, p.104). Somente estes complexos agroindustriais representaram cerca de 70% das “exportações do agronegócio”, para aquele período. Isto também evidencia as mudanças incididas a partir da “inserção do setor primário no comércio exterior” no sentido do ajustamento da economia brasileira “às restrições externas”. Por certo, houve o relançamento nos anos 2000,

[...] da grande propriedade fundiária e de determinadas políticas de Estado, tornando viável um peculiar projeto de acumulação de capital, para o qual é essencial a captura da renda de terra, juntamente com a lucratividade do conjunto dos capitais consorciados no agronegócio. [...] A articulação público privada da política agrária e das estratégias privadas de acumulação de capital no espaço ampliado do setor agrícola tradicional e dos complexos agroindustriais, perseguindo lucro e renda da terra, constitui aquilo que denomino novo pacto da econômica política do agronegócio (DELGADO, 2012, p. 108-109).

Esta abordagem nos induz a percepção sobre o lugar do Brasil no contexto da divisão internacional do trabalho, reafirmado como país agroexportador, a partir da atuação de um Estado que permaneceu contribuindo para a efetivação da reestruturação produtiva. Em meio as outras atribuições da agricultura brasileira, salientamos a função do fornecimento de energia renovável, diante dos alardes sobre a crise ambiental. Isto com vistas à possibilidade do esgotamento das reservas de combustíveis fósseis e mediante a necessidade de reduzir as emissões de gases geradores do efeito estufa. Em decorrência disso, investiu-se montantes na expansão do setor sucroenergético em

algumas unidades da federação. A partir desta conjuntura destaca-se a presença do setor sucroenergético no município de Frutal.

### **A instalação das usinas sucroenergéticas no município de Frutal (MG)**

Dadas as condições gestadas a partir da modernização da agricultura, o Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba tornou-se mais atrativo para a instalação de novos empreendimentos do agronegócio. A escolha pela mesorregião e pelo município de Frutal, para se tornarem territórios da cana-de-açúcar, deve-se ao entrecruzamento de condicionantes favoráveis que abarcam desde o seu histórico, os aspectos físicos naturais, a proximidade aos principais mercados consumidores, até a presença da malha rodoviária viabilizadora do escoamento da produção (SOUZA, 2012).

Nos últimos vinte anos, grupos econômicos paulistas, nordestinos direcionaram investimentos para a instalação de usinas sucroenergéticas nos estados de Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás. Houve investimentos que resultaram em parcerias entre grupos locais e estrangeiros, como no caso da empresa Bunge (EUA), que atualmente operam no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba.

A instalação da usina Bunge (Frutal) ocorreu no ano de 2006 e a usina Cerradão, entre os anos de 2006 e 2008. Ambas unidades agroindustriais iniciaram suas atividades nas áreas de lavoura com um alto nível de mecanização, tanto no plantio quanto na colheita, impulsionando o aumento de áreas cultivadas com a cana-de-açúcar em Frutal e nos municípios limítrofes. A esse respeito é importante enfatizar que as plantações substituíram principalmente áreas cultivadas com soja, sorgo, abacaxi e de pastagens. À medida que ocorreu a expansão da cultura da cana-de-açúcar, ocorreu a redução da área de cultivos e práticas, gerando outra demanda por trabalhadores no campo, seja no tocante as suas aptidões, seja na versatilidade e quantidade de horas trabalhadas.

Apesar disto, as demais atividades agropecuárias permaneceram importantes para a conjuntura econômica de Frutal. Até porque os cultivos da soja, do milho, da laranja e do abacaxi são matérias-primas para outras agroindústrias e aportam outros setores do agronegócio. Em relação às lavouras de laranja, a produção em sua maioria destina-se ao abastecimento da empresa Citrícola, Sucocítrico da Cutrale. Alguns produtores, anteriormente vinculados à pecuária leiteira e a produção das culturas mencionadas, migraram de atividade devido a melhor remuneração que o arrendamento

das terras para a cana-de-açúcar proporcionava. Nesta perspectiva, havia casos em que as famílias arrendaram parcialmente suas terras e/ou totalmente, ocasionando situações de migração para a cidade de Frutal e para cidades vizinhas (SOUZA, 2012).

Oliveira (2019) nos esclarece que a produção de milho e arroz consistiu numa das atividades fundamentais da microrregião de Frutal, no ano de 1973. Na década de 1980, a rizicultura perdeu quantidade de área plantada em razão “da modernização da agricultura e dos incentivos financeiros de grupos econômicos nacionais e internacionais, que identificaram o potencial do mercado agrícola brasileiro” e pressionaram a agricultura para assegurar o “fornecimento dessas matérias-primas.” Em decorrência disso, a rizicultura perdeu importância, ao passo que os cultivos da soja e do milho “ganham incentivos nas décadas de 1980 e 1990” (OLIVEIRA, 2019, p.112).

Pode-se dizer que a diversidade produtiva é um traço característico do campo frutalense, entrelaçando-se à própria fundação do município, o que reflete a presença de um maior contingente de famílias daquele momento. Entretanto, ao longo das décadas a incorporação de melhoramentos no campo reduziu a demanda por mão-de-obra e ampliou a busca pela inserção num mercado mais globalizado, o que impeliu a especialização da produção. Em linhas gerais, decorreu-se um redirecionamento de investimentos para cultivos mais rentáveis e atividades com etapas produtivas mecanizadas, como o exemplo da cana-de-açúcar, sobretudo, a partir da década de 2000.

Uma mudança voltada ao fortalecimento econômico das famílias do campo foi a criação de associações e cooperativas, pois viabilizaram as negociações e comercialização da produção agropecuária, os aluguéis de maquinários, a aquisição de insumos etc. No caso específico dos produtores de abacaxi do distrito de Aparecida de Minas em Frutal, a confiança e as relações de vizinhança contribuíram simultaneamente, para a formação destas organizações.

Mesmo diante do exposto, existem outros motivos da saída de alguns trabalhadores rurais e de suas famílias das fazendas, dos povoados, da vila e do distrito de Aparecida de Minas pertencentes a Frutal. Dentre diversas razões, destaca-se a criminalidade urbana deslocada para as áreas rurais de Frutal.

## A incerteza da segurança no campo de Frutal

Embora em menor escala, outra questão que tem interferido na decisão das famílias de permanecer ou migrar do campo refere-se à incerteza da segurança. Frequentemente, quando pensávamos no modo de vida rural, a paisagem forjada remetia-nos à consciência de uma tranquilidade e à ideia de integração do homem com a natureza. Admitia-se a maior presença de elementos naturais, a menor concentração residencial, a sociabilidade pacífica e solidária, o baixo tráfego de veículos e poluição sonora reduzida nas áreas rurais. Assim, o campo simbolizou por décadas um estilo de vida seguro e tranquilo em comparação com os espaços metropolitanos. Todavia, esta condição e arquétipo do rural tem sido alterada.

Se por um lado estes fatores condicionaram mais tranquilidade, por outro lado, com o aumento da criminalidade nas cidades, as famílias do campo também estão expostas à ação de criminosos. Mesmo aquelas famílias que não foram vítimas, quando têm notícias de fatos ocorridos nas propriedades próximas, sentem-se inseguras em suas fazendas, chácaras e sítios. No campo, as famílias residentes contam muito mais com a sua vizinhança. Em razão do distanciamento da cidade, seu cotidiano é mais restrito em termos de recursos (segurança pública, atendimento médico e serviços). As pessoas sentem-se inseguras, já que não possuem acesso imediato e constante a tais recursos. Daí a decisão de algumas famílias pela mudança para a(s) cidade (s).

*(...) muita gente mudou da fazenda para cidade por causa de violência (...) Amarram dentro de quarto (...) Não tem sossego mais! E quem não mora na fazenda eles vai lá rouba as coisas. Rouba galinha, rouba porco, rouba tudo! Eles qué dinheiro. Falou que não tinha dinheiro, aí ele revira tudo, tira as roupa do guarda roupa tudo, joga tudo pro chão e bagunça a casa e se acharem o dinheiro fala assim: cê mentiu para nós (Entrevista realizada em 6 de janeiro de 2017).*

Conforme informações da polícia militar de Frutal, as ações criminosas não ocorrem diariamente, há incidências em determinadas localidades do município e quando a polícia realiza a prisão do criminoso ou da quadrilha, os casos são reduzidos. As instituições responsáveis pela segurança em Frutal (6º Pelotão do Corpo de Bombeiros, 42ª Delegacia Regional de Polícia Civil e 4ª Companhia Independente da Polícia Militar) atendiam as demandas do município quanto à manutenção da ordem e à contenção da violência. Entretanto, na última década ampliou-se a incidência de crimes e não houve um aumento proporcional do policiamento. Por isso, o efetivo de

funcionários destas instituições nem sempre conseguem atender às solicitações da população do município.

De acordo com o representante da 4ª Companhia Independente da Polícia Militar, além do crescimento populacional, há outros fatores que interferem no aumento da criminalidade, tais como: a superlotação dos presídios das cidades vizinhas e a reincidência dos criminosos livres. Muitas vezes, não são reincidentes na mesma ação criminosa. Em Frutal é comum a abordagem de pessoas pela polícia com passagens pelos crimes de roubo e homicídio. Circunstância que manifesta o crescimento da impunidade e a flexibilização das leis, refletindo na insegurança no meio rural.

*(...) A polícia militar monitora a criminalidade, faz algumas operações. Então, o criminoso está em busca de benefícios financeiros. Ele começa a migrar para o campo (...) alguns criminosos começam a especializar nessa área (furto de gado, assalto à propriedade rural), a ver, por exemplo, que os defensivos agrícolas têm valor e começam a monitorar a propriedade. Nós temos essa modalidade (Entrevista realizada em 3 de agosto de 2017).*

Em algumas situações, o agricultor contraiu empréstimos, realizou investimentos em sua unidade produtiva para ser quitado em longo prazo e têm suas aquisições roubadas (equipamentos de segurança, insumos, sementes e maquinários). Para além disso, permanece o trauma e a insegurança que surgem a partir destes períodos de violência. Há famílias que preferem se proteger com o silêncio sobre tais incidências, por medo de que os criminosos retornem à propriedade, com alguma ação vingativa.

*(...) aqui aconteceu um caso (...) um senhor que foi assaltado e ele reagiu, baleou um dos ladrões (...) o ladrão foi pro posto atrás de médico e o senhor foi baleado também e ficou em observação. Quando ele saiu ele disse: "vou lá na delegacia vê a cara desse indivíduo!" Chegou lá, "vim conhecer o cara que..." A polícia olhou para cara dele e disse: "tá solto!" A gente trabalha muito sério, mas a justiça mandou nós soltar, nós soltou. Ficou por isso mesmo. Ele mudou (Entrevista realizada em 26 de junho de 2017).*

As famílias do campo contam com o atendimento da patrulha rural, trabalho também realizado nas BRs que permitem acesso rodoviário ao município. É importante destacar que as ocorrências de roubos foram detectadas em localidades diferentes do espaço rural de Frutal. Para uma das moradoras da comunidade rural Vila Barroso, é preciso construir postos policiais nas rodovias de acesso ao município, para aproximar ainda mais a polícia do campo, reduzindo o distanciamento e o tempo do atendimento.

Mediante o aumento no número de casos de violência no campo, no mês de novembro do ano de 2021 a polícia civil instalou uma delegacia especializada na

repressão de crimes rurais em Frutal. O estabelecimento desta unidade deverá viabilizar as investigações sobre furtos e roubos de maquinários, gado, defensivos e insumos neste município. Somente no período de doze meses foram registradas 650 ocorrências. Tendência também observada em Minas Gerais, já que foram registrados mais de 38,5 mil casos nas áreas rurais no estado, sendo majoritariamente casos de “furto, roubo de equipamentos agrícolas e de gado.”<sup>2</sup>

Em síntese, a realidade sobre a insegurança é tecida por relatos de roubos, famílias trancafiadas no banheiro, aprisionados em suas próprias casas, amarrados e impedidos de buscarem auxílio. Circunstâncias agravantes que se somam a outras questões e em conjunto interferem na decisão sobre a saída das famílias do campo. Alguns migram, já que sofreram o trauma de terem sido abordados por algum criminoso. Aqueles que nada sofreram, podem migrar do campo pela precaução, evitando vivenciarem as mesmas situações.

### **A migração da população do campo frutalense**

Ao rememorarmos os processos transformadores do campo em escalas mundiais, nacionais, combinados às tendências regionais e locais devemos considerar as singularidades historicamente constituídas. Mesmos inseridos numa conjuntura de ordem globalizante e contraditória, em cada localidade existe uma combinação de particularidades que não se repetem em outro ambiente de modo idêntico. Depreende-se daí que os municípios mantêm ou adquirem novas características produtivas, quais os diferenciam e os qualificam para o consentimento de sua inserção na racionalidade hegemônica (SOUZA, 2012).

O fortalecimento de um padrão de atividades agropecuárias modernas e a insegurança no campo articulados à reestruturação produtiva são alguns aspectos intervenientes nas transformações do campo frutalense e que associados às mudanças culturais repercutiram sobre o dinamismo da população rural. Neste sentido, os dados quantitativos amparam a apreensão sobre o montante de pessoas que migraram do campo. Para evidenciar a ocorrência do êxodo rural em Frutal, tomamos como referência os dados dos censos demográficos do IBGE dos anos 1960 e especialmente,

---

<sup>2</sup> Conforme informações e dados disponíveis em: <https://g1.globo.com/economia/agronegocios/globo-rural/noticias/2022/01/23/municipio-de-mg-cria-delegacia-rural>. Acesso em: 24 mar. 2022.

de 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010. Na Tabela 1, observamos a relação entre o crescimento da população urbana e a redução da população rural neste município.

**Tabela 1:** Frutal - População urbana e rural do município

| Anos | Urbana | Intervalo   | %      | Rural  | Intervalo   | %       | Total  |
|------|--------|-------------|--------|--------|-------------|---------|--------|
| 1960 | 8.729  |             |        | 13.744 |             |         | 22.473 |
| 1970 | 17.735 | 1960 a 1970 | 50,7%  | 12.934 | 1960 a 1970 | -5,9 %  | 30.669 |
| 1980 | 23.981 | 1970 a 1980 | 26 %   | 10.290 | 1970 a 1980 | -20,4 % | 34.271 |
| 1991 | 33.232 | 1980 a 1991 | 27,8 % | 8.192  | 1980 a 1991 | -20,3 % | 41.424 |
| 2000 | 39.012 | 1991 a 2000 | 14,8 % | 7.554  | 1991 a 2000 | -7,7 %  | 46.566 |
| 2010 | 46.089 | 2000 a 2010 | 15,3 % | 7.379  | 2000 a 2010 | -2,3 %  | 53.468 |

**Fonte:** IBGE, Censos demográficos (1960, 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010).

**Org.:** SOUZA, A.G., 2022.

Em Frutal, até a década de 1960 haviam mais pessoas residindo no campo do que na cidade. De maneira similar a muitos municípios brasileiros, as transformações na realização do trabalho na agricultura e pecuária desencadearam a migração de grande parte da população rural. Em Frutal, o recorte temporal em que o êxodo rural foi mais intenso se estendeu, sobretudo, entre as décadas de 1970 a 1991, período que coincide com a intensificação da mecanização do trabalho na agricultura neste município.

Ao analisar os dados do censo agropecuário entre os anos de 1975 a 1995, Oliveira (2019) evidenciou a crescente utilização de maquinários agrícolas, especificamente de tratores, de arados mecânicos e de colheitadeiras nos estabelecimentos rurais do município de Frutal, bem como, na microrregião de mesmo nome (OLIVEIRA, 2019, p.90). Já nas décadas seguintes, 2000 e 2010, a migração permaneceu em porcentagens menores, até porque outros fatores passaram a interferir concomitantemente na dinâmica cotidiana deste contingente populacional.

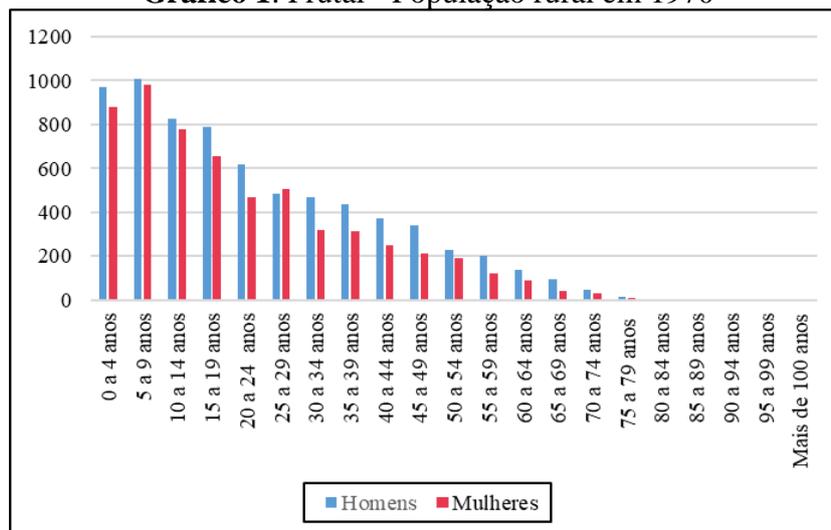
Para Froehlich *et Al.* (2011), mesmo que o êxodo tenha sido mais intenso nos anos 1980, a migração de pessoas foi mais homogênea em relação à idade e sexo nesta década. De um lado, as famílias deixavam o campo em razão da modernização agrícola e a maior possibilidade da oferta de trabalho no meio urbano, por outro lado, não houve um planejamento nas cidades para receber esse contingente populacional.

Nos últimos vinte anos este movimento migratório foi se modificando. Em face das possibilidades da aposentadoria rural ampliaram-se as chances de permanência ou retorno de pessoas idosas ao campo. Ao mesmo tempo, o envelhecimento da população

não se restringe ao espaço rural, procedendo da conjunção de ações e acontecimentos articulados aos avanços da medicina, o desenvolvimento de medicamentos, vacinas, antibióticos, estruturação do saneamento básico, a disseminação e o maior acesso à informação (FÉLIX, 2007, p.2).

Estas transformações combinadas promoveram um aumento na qualidade e expectativa de vida, culminando na redução da mortalidade infantil e no aumento da longevidade. No caso do município de Frutal, a articulação destes fatores provocou efeitos na estrutura social e etária do campo, reveladas a partir da sequência de gráficos. Na década de 1970, 69,3% da população rural de Frutal constituía-se de crianças, adolescentes e jovens (0 a 29); 26,7% eram adultas (30 a 59 anos) e 3,6% eram pessoas idosas (60 a 79 anos), segundo demonstra o Gráfico 1:

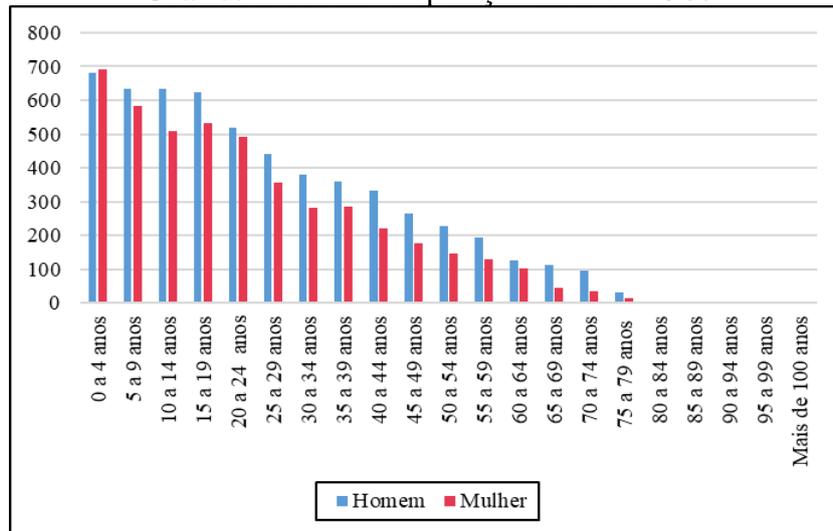
**Gráfico 1:** Frutal - População rural em 1970



**Fonte:** Censo Demográfico - IBGE, 1970.  
**Org.:** SOUZA, A.G., 2022.

Na década de 1980, nota-se uma redução no número de crianças, adolescentes e jovens, em relação a década anterior. Nesse momento, este grupo etário representou 65% do total populacional, enquanto os adultos cerca de 29,1% e os idosos constituíram 5,5% da população rural de Frutal, conforme demonstra o Gráfico 2:

Gráfico 2: Frutal - População rural em 1980

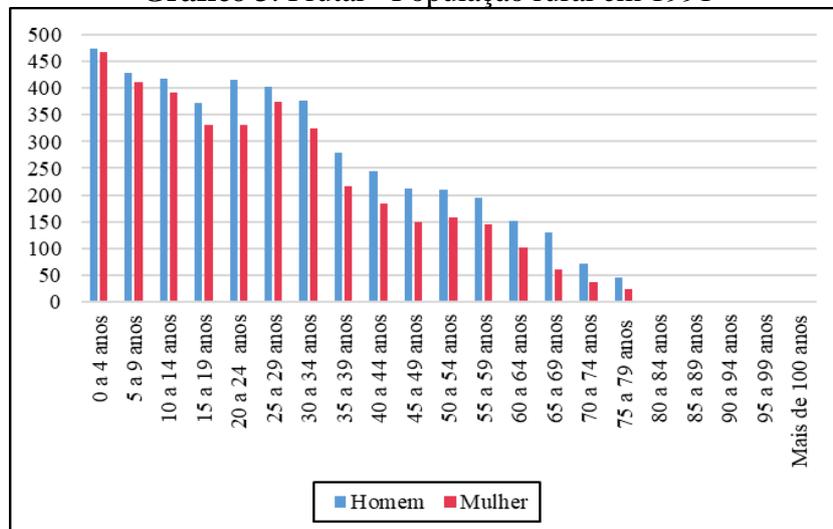


Fonte: Censo Demográfico - IBGE, 1980.

Org.: SOUZA, A.G., 2022.

No início dos anos 1990, as crianças, os adolescentes e os jovens representaram 58,8% do total populacional, os adultos cerca de 32,9%, sendo que os idosos constituíram 7,6%, como pode ser visto no Gráfico 3:

Gráfico 3: Frutal - População rural em 1991

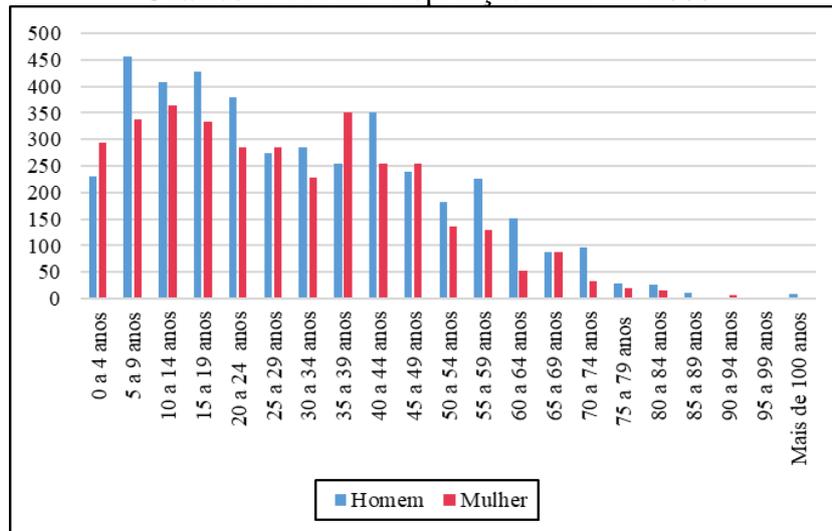


Fonte: Censo Demográfico - IBGE, 1991.

Org.: SOUZA, A.G., 2022.

A partir da década de 2000, tornam-se mais nítido os efeitos das mudanças ocorridas nas décadas anteriores, sobretudo em relação à queda da taxa de fecundidade, conforme revela o Gráfico 4:

**Gráfico 4: Frutal - População rural em 2000**



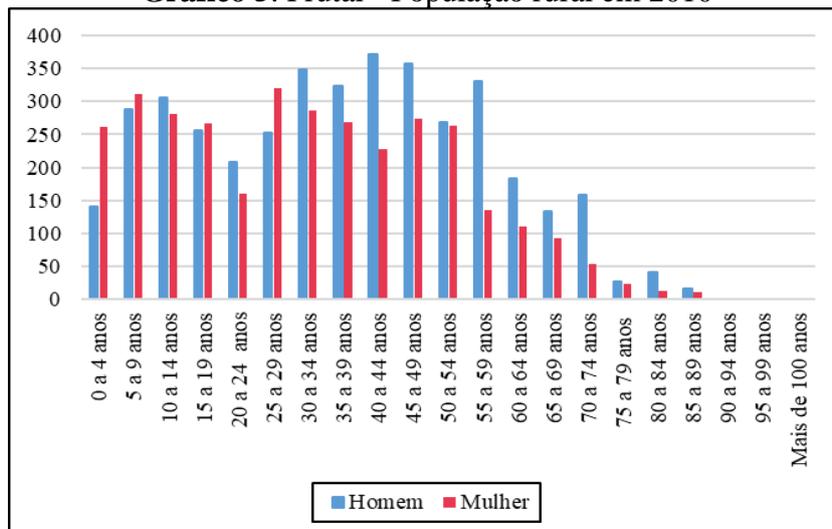
Fonte: Censo Demográfico - IBGE, 2000.

Org.: SOUZA, A.G., 2022.

Nesse período, as crianças, os adolescentes e os jovens passaram a representar 53,9 % da população rural de Frutal, os adultos 38, 2% e os idosos cerca de 8, 2%.

Nos anos 2010, há uma modificação na estrutura etária do campo. Observa-se que a porcentagem de adultos superou os demais grupos, visto que que as crianças, adolescentes e jovens constituíram 41,4% do total populacional, enquanto os adultos representaram 46,8% e os idosos 11,7%, conforme Gráfico 5:

**Gráfico 5: Frutal - População rural em 2010**



Fonte: Censo Demográfico - IBGE, 2010.

Org.: SOUZA, A.G., 2022.

A partir dos 30 anos, em todas as faixas etárias haviam mais homens do que mulheres no campo. Além disso, se na década de 1970 as pessoas mais idosas tinham até 79 anos, nos anos 2010 os mais idosos residentes no campo tinham até 89 anos. Embora seja perceptível o envelhecimento da população rural no município de Frutal como uma evidência da combinação de dados e relatos de entrevistas, que também representam um processo decorrente em todo o país, a maior parte da população que reside no campo ainda é composta pelo grupo em idade para o trabalho, considerados jovens e adultos.

Tanto as mudanças ocorridas no âmbito da organização do trabalho na agricultura quanto aquelas da dimensão cultural, nas últimas quatro décadas, contribuíram para o envelhecimento e a migração da população rural em Frutal. É necessário, porém, a realização de um novo censo demográfico para a verificação da estrutura populacional do campo da última década. Mesmo sem dados oficiais do IBGE, as informações sobre a realidade revelam a continuidade destes processos. Segundo informações coletadas na prefeitura do município de Frutal,

*(...) aqui o pequeno produtor (...) o filho dele mora até ele ir pra escola, até ele virar médico ou virar engenheiro (...) aí acaba ficando os dois sozinhos, vai ficando velho (...) vêm pra cidade ou vende ou arrenda. Isso aconteceu nos anos setenta, todo mundo migrando pra cidade, hoje diminuiu...o ritmo de migração... mas continua ... Ah...como é que a gente vai fazer isso? Realmente não sei (...) quem têm condições de fazer uma política mais...eh...incisiva nisso é o Governo Federal...ele tem que dar incentivo...nas prefeituras, as limitações são muito grandes...não tem como fazer isso...né (Entrevista realizada em 29 de junho de 2017).*

Merece ressalva que o envelhecimento populacional ainda resulta da queda na taxa de fecundidade, uma transição iniciada em meados da década de 1960 no Brasil. Félix (2007) analisa que a partir da influência das transformações sociais ocorridas naquela década, houve uma modificação comportamental das mulheres, culminando em consequências no âmbito educacional, na concretização matrimonial e no mercado de trabalho. Todavia, estas mudanças comportamentais no campo frutalense são mais recentes, datam principalmente dos últimos vinte anos.

Notadamente, a partir deste recorte temporal, as mulheres do campo adquiriram mais abertura para realizar suas escolhas e para o seu planejamento familiar. Especificamente, para as jovens residentes no campo estas mudanças sociais significaram também a conquista do direito de continuarem seus estudos nas cidades

próximas com o consentimento dos pais. Podemos observar na Tabela 2, o reflexo de tais mudanças comportamentais na dinâmica demográfica:

**Tabela 2:** Frutal - População rural, número de pessoas por gênero

| Anos | Mulheres | Intervalo   | %      | Homens | Intervalo   | %      | Total  |
|------|----------|-------------|--------|--------|-------------|--------|--------|
| 1970 | 5.870    |             |        | 7.064  |             |        | 12.934 |
| 1980 | 4.618    | 1970 a 1980 | -21,3% | 5.672  | 1970 a 1980 | -19,7% | 10.290 |
| 1991 | 3.733    | 1980 a 1991 | -19,1% | 4.459  | 1980 a 1991 | -21,3% | 8.192  |
| 2000 | 3.434    | 1991 a 2000 | -8%    | 4.120  | 1991 a 2000 | -7,6%  | 7.554  |
| 2010 | 3.364    | 2000 a 2010 | -2%    | 4.015  | 2000 a 2010 | -2,5%  | 7.379  |

Fonte: IBGE, Censos demográficos (1970, 1980, 1991, 2000 e 2010).

Org.: SOUZA, A.G., 2022.

Mesmo antes da intensificação do êxodo rural, o número de mulheres no campo já se apresentava inferior ao dos homens. Durante a década de 1970 até a década de 1980, 21,3% das mulheres saíram do campo. No período entre 1980 a 1991, a quantidade correspondeu a 19%. Entre 1991 a 2000, esse número representou 8%, e entre as décadas de 2000 a 2010, a migração feminina correspondeu a 2%. Para os mesmos períodos entre décadas, a saída de homens do meio rural representou respectivamente 19,7%, 21,3%, 7,6% e 2,5%. A partir da mesma delimitação temporal dos censos demográficos, verificamos que o percentual de mulheres se manteve entre 45% a 45,6 do total da população. Já o percentual masculino representou mais da metade do total da população rural.

Embora muitos jovens tenham optado pela saída do campo, Abramovay *et al.* (1998) adverte que a migração não se esclarece simplesmente por esta atratividade exercida pelo mercado de trabalho sobre as moças em detrimento dos rapazes. As pistas destas razões encontram-se dentro das unidades produtivas que enraízam o “viés de gênero dos processos migratórios”, tratando-se ainda de uma questão de poder. Apesar de participarem do trabalho na propriedade, muitas vezes em condições equivalentes aos homens, as mulheres são privadas de oportunidades que as permitam “algum grau de responsabilidade”. Geralmente, as atividades agropecuárias ficam na incumbência dos pais e filhos (ABRAMOVAY, 1998, p. 74).

Ainda emerge a questão da sucessão hereditária. Se nas décadas anteriores as famílias foram numerosas, com mais filhos interessados em suceder o pai, nesse momento há uma maior dificuldade para definir quem sucederá os negócios da família.

Conforme explicou o secretário municipal de agricultura de Frutal, muitos jovens não querem continuar o trabalho dos pais, o que torna problemática a sucessão rural.

*Maior parte, não tem sucessão. Um sucessor. O pai vai ficar velho, vai falecer e quem é que vai tocar a fazenda? (...) Para a agricultura familiar é muito mais complicado, porque, às vezes, ele trabalha na fazenda do pai e vai fazer um serviço de tratorista aqui; outro ali. Aí vem uma grande indústria para cá como são as usinas e ele vai ter hora de trabalho pré-estipulada, vai ter férias, décimo terceiro, carteira assinada. Mas, com certeza, se ele trabalhar no campo com informação e tecnologia, ele vai ter melhores ganhos, só que, para isso, ele precisa de assistência técnica, de crédito (Entrevista realizada em 3 de agosto de 2017).*

Tendo como referência este cenário, algumas famílias optam pela venda da propriedade e pela divisão do valor em dinheiro entre os filhos ou pelo arrendamento. Na maioria dos casos, quando há interesse dos filhos em suceder os pais, frequentemente são os filhos que assumem o posto. Quando optam pela venda da propriedade, a divisão de terra entre herdeiros geralmente gera muitas disputas e dissensões familiares.

### **A migração da população rural na contemporaneidade**

Inicialmente, os dados populacionais evidenciam as oscilações do êxodo rural ao longo das décadas. As pesquisas, os melhoramentos científicos avançaram continuamente num movimento que impôs aos trabalhadores rurais e às famílias do campo a reinvenção de suas práticas produtivas ou a migração. Há circunstâncias em que as famílias se mantiveram no campo e buscaram compor associações de produtores rurais, diferenciadas a partir do que é produzido ou por sua localidade no interior do município. A partir da formação destes grupos, muitas vezes fortalecidos pelos laços de solidariedade e proximidade, conseguiram se inserir nos mercados locais, regionais e em alguns casos, o nacional. Tudo isso viabilizou a realização de negociações mais concretas no âmbito comercial, além da obtenção de mais acesso a serviços, compras coletivas de insumos e produtos agrícolas (SOUZA, 2012).

Para aquele contingente de pessoas que migraram em meio aos motivos já apresentados, também ressaí outras justificativas. Além de estarem restringidos pela insegurança e por poucas políticas públicas específicas, alguns saem do campo em busca da casa própria, sobretudo aqueles que trabalham e vivem em terras de terceiros.

Muitos almejam o acesso e a proximidade aos serviços, à saúde e às opções de lazer, conforme ressaltou uma das moradoras da Vila Barroso, localizada no meio rural:

*A causa do êxodo rural? (...) É...a casa própria. O sonho de todo mundo é ter a casa própria. E aí o governo lançou aquele projeto minha casa minha vida, onde o beneficiário ganha a casinha mas ele tem que morar nela, né? (...) o pessoal da zona rural eles vão para cidade, eles querem ganhar uma casa e como é um acordo do governo com eles, a casa tem que ser ocupada pelo proprietário (Entrevista realizada em 27 de junho de 2017).*

Em alguns casos, as famílias se tornam urbano-residentes, porém o chefe exerce alguma função empregatícia no meio rural. No caso da instalação das duas usinas sucroenergéticas no município, observa-se outro perfil de trabalhador, trabalhadora e de relação com a terra. A partir da instalação e da operacionalidade das agroindústrias, os vínculos fortalecidos foram os trabalhistas e contratuais, ou seja, vem sendo exigido mais qualificação, as funções são mais especializadas, o que requer um nível maior de escolaridade e de conhecimentos técnicos.

No povoado da Boa Esperança, tornaram-se perceptíveis algumas mudanças que contribuíram para a saída de famílias de agricultores e para a redução de algumas profissões como lavrador, parceiro, meeiro, vaqueiro etc. Muitos daqueles que permaneceram no povoado redirecionaram suas habilidades e tornaram-se funcionários de uma das usinas.

*Os menino-homem que foram crescendo e menina também formou em alguma coisa, teve que procurar Frutal, os outros feis técnico agrícola. (...) os filho tudo daqui tá na usina. E os trabalhador rural que quis aqui dentro da Boa Esperança, aqui tem talvez uns 25 que trabalha na usina, desde que começou. (...) E aí o pessoal foi indo para cidade. (...) quem não tá na usina não tem serviço. Por que os abacaxi acabou, o leite acabou. Só tira leite os proprietário e os filhos de proprietário. Nenhum aqui tem um vaqueiro (Entrevista realizada em 21 de junho de 2017).*

Em Aparecida de Minas, distrito de Frutal, algumas famílias abandonaram o campo pelo medo de serem vítimas de ações criminosas. Na última década, as famílias foram impelidas a mudarem seus hábitos evitando, por exemplo, ficarem sozinhos nos sítios, chácaras e nas fazendas. Outro fator determinante na saída de pessoas do campo neste distrito, foi a mecanização das etapas produtivas da agricultura e da pecuária.

*(...) por motivo de alguns roubos (...) as pessoas foram saindo da fazenda. E por motivo da mão-de-obra trocada pelas máquinas. Então, nós tínhamos muitas pessoas rurais. Hoje se você andar aqui são mínimos. Aí, trocou-se o tirador de leite pela máquina, a máquina que tira o leite e diminuiu muito. Trocou-se aquele que trabalhava muito na lavoura do abacaxi, pelas máquinas. Hoje o trabalho de abacaxi é pequeno diante daquilo que já aconteceu. Então, aí faz as pessoas irem embora também para cidade (Entrevista realizada em 26 de junho de 2017).*

Muitas vezes, quando as famílias chegam “na cidade” podem encontrar dificuldade, já que nem sempre há oportunidades de emprego com facilidade. Nas condições em que ocorrem o êxodo, o envelhecimento da população rural e a sucessão na unidade produtiva, manifesta-se a problemática de constituição/permanência de novos agricultores familiares. Trata-se de uma agricultura estruturada na presença e no trabalho dos membros da família. Destarte, os efeitos espaciais da redução de famílias rurais, para além das questões urbanas, exprimem uma incerteza para o futuro ante a redução da diversidade produtiva de gêneros alimentícios. Mais do que mercadorias, aquilo que é produzido transporta saberes, cultura e tradições geracionais. No entanto, este patrimônio é secundarizado pelas emergências cotidianas, em razão da necessidade do trabalho fixo e da preferência pela residência na cidade. Por tal razão, gradativamente, os elementos componentes do modo de vida e trabalho rural, que deram sentido à existência de muitas gerações ecológico-culturais, deixam de ser realidade.

### **Considerações finais**

Em Frutal, os processos da modernização da agricultura e a reestruturação produtiva propiciaram o êxodo de muitas famílias do campo, promovendo alterações nas relações entre patrões e funcionários. Por conseguinte, estabeleceu-se uma demanda por mão-de-obra mais especializada, e, em alguns setores, ampliou-se a exigência do nível de escolaridade ao mesmo tempo em que surgiram novas profissões.

Assim, aportados por uma visão integrada da realidade socioespacial, consideramos que a imbricação de fatores, como a reestruturação produtiva, a globalização e complexidade das contradições sociais, as mudanças comportamentais, o envelhecimento da população e a queda nas taxas de fecundidade, resultaram no esvaziamento do campo. A procura por trabalho, com carteira assinada ainda consiste num dos principais motivos na ocasião da escolha entre permanecer ou sair do campo, especialmente em relação aos jovens. De acordo com os dados do IBGE Cidades, no ano de 2020 a renda média mensal dos trabalhadores formais do município correspondeu a 2,2 salários mínimos.

Em relação à insegurança no município de Frutal e às ocorrências de crimes, é perceptível um transbordamento da violência da cidade para o campo. A não contenção dos criminosos incide sobre o aumento de roubos nas propriedades rurais e isso também

interfere na decisão de algumas pessoas sobre a permanência ou migração para as cidades próximas. Simultaneamente, há uma fração de pessoas aposentadas dos núcleos familiares que retornam ao campo, estabelecendo residência ou mesmo como segunda moradia. A questão é que nem este movimento de retorno ao campo assegura alguma mudança significativa nos gráficos de estrutura demográfica sobre a população rural.

Em síntese, antes de propugnar a permanência das famílias no campo, é preciso considerar seus enfrentamentos cotidianos. Sem desprezar outros fatores que permeiam a esfera particular de cada família, destacamos estas questões e transformações da realidade do espaço rural do município, que não diferem de outras localidades da mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba e de outras regiões brasileiras. Devemos refletir e reivindicar melhores condições para aqueles que pretendem viver da agricultura, pecuária, turismo e demais atividades no campo. Os enfrentamentos das famílias evidenciam alguns dos motivos da continuidade do êxodo rural e confirmam a urgência de iniciativas públicas direcionadas a estas novas questões.

## **Referências**

ABRAMOVAY, R.; SILVESTRO, M. L.; CORTINA, N.; BALDISSERA, I.T.; FERRARI, D.L.; TESTA, V. M. **Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios**. Brasília: Edições UNESCO, 1998.

AB'SABER, A.N. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CLEPS JUNIOR, J. **Dinâmica e estratégias do setor agroindustrial no cerrado: o caso do Triângulo Mineiro**. 1998. 291 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual de Rio Claro, Rio Claro. 1998.

DELGADO, G. **Do capital financeiro na agricultura à economia do agronegócio: mudanças cíclicas em meio século (1965-2012)**. Porto Alegre: UFRGS, 2012.

ELIAS, D. Globalização e fragmentação do espaço agrícola do Brasil. **Scripta Nova**, Barcelona, v.10, n. 218, 2006. Disponível: <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-218-03.htm>. Acesso em: 15 jul. 2022.

FÉLIX, J. S. Economia da longevidade: uma revisão da bibliografia brasileira sobre o envelhecimento populacional. In: ENCONTRO ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ECONOMIA DA SAÚDE. 7., 2007, São Paulo. **Anais [...]**, São Paulo. Disponível em: <http://abresbrasil.org.br/sites>. Acesso em: 4 maio 2022.

FROEHLICH, J. M.; RAUBER, C. C.; CARPES, R. H.; TOEBE, M. Êxodo seletivo, masculinização e envelhecimento da população rural na região central do RS. **Ciência Rural**, Santa Maria, v.41, n.9, p.1674-1680, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-84782011005000124>

GOMES, R. M. **Ofensiva do capital e transformações no mundo rural**: a resistência camponesa e a luta pela terra no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. 2004. 251 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2004.

GONÇALVES NETO, W. **Estado e Agricultura no Brasil**: política agrícola e modernização econômica brasileira 1960 -1980. São Paulo: Hucitec, 1995.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Bases Cartográficas Contínuas -Brasil**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/bases-cartograficas>. Acesso em: 2 ago. 2022.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico de 1960**. Rio de Janeiro: IBGE, 1960.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico de 1970**. Rio de Janeiro: IBGE, 1970.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico de 1980**. Rio de Janeiro: IBGE, 1980.

IBGE -Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico de 1991**. Rio de Janeiro: IBGE, 1991.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico de 2000**. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

IBGE -Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

OLIVEIRA, L. P. **A modernização do campo nos municípios da microrregião de Frutal (MG)**: as transformações socioeconômicas das pequenas cidades. 2019. 263 f. Tese (Doutorado em Geografia e Gestão do Território) - Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

PESSÔA, V. L. S. **Ação do estado e as transformações agrárias no cerrado das zonas de Paracatu e Alto Paranaíba – MG**. 1988. 239 f. Tese (Doutorado em Organização do Espaço) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1988.

PORTO-GONÇALVES, C. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

SORJ, B. **Estado e classes sociais na agricultura brasileira**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 1998.

SOUZA, A. G. **A territorialização do agronegócio canavieiro em Frutal - MG**. 2012. 187 f. Dissertação (Mestrado em Geografia e Gestão do Território) - Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

Recebido em 23/09/2022.

Aceito para publicação em 27/03/2023.